

As demissões de mulheres jornalistas de TV no contexto do neoliberalismo¹

Francisco de Assis²
Cláudia Nonato³

Resumo

O trabalho sistematiza dados sobre o fenômeno da demissão em larga escala de jornalistas veteranos atuantes em grandes emissoras de TV brasileiras, com foco no corte de gênero. A partir de um mapeamento de informações circulantes em sites jornalísticos, foi identificado um expressivo número de demitidos no período pós-pandemia, fenômeno que atinge principalmente os trabalhadores maduros e os empurra para um cenário de incertezas – em muitos casos, para atuação autônoma –, sintoma do neoliberalismo. Em relação às mulheres, observou-se ainda que o processo demissional é mais cruel, porque relacionado a imputações que não recaem sobre os homens, como pressões estéticas.

Palavra-chave: mulheres jornalistas; demissões; mundo do trabalho; gênero.

Propósitos e dados

Dando continuidade a um trabalho que estamos realizando a respeito das demissões de jornalistas de TV – veteranos, em sua grande maioria –, apresentamos, aqui, uma discussão direcionada às mulheres que compõem tal quadro. Nosso objetivo é tensionar o corte de gênero com a situação de trabalhadores do campo jornalístico, especialmente daqueles com vasta experiência e empregados há considerável tempo em certas emissoras, mas que têm sido maciçamente destituídos de seus postos – e em algumas poucas situações se disposto voluntariamente a deixá-los –, num movimento orientado a reconfigurar o cenário com mão de obra menos onerosa às empresas.

No primeiro levantamento realizado (Assis; Nonato, 2024), identificamos um conjunto de 54 jornalistas desligados de TVs brasileiras entre 2019 e 2023, sendo 33 homens e 21 mulheres. Para tratar deste segundo grupo, refinamos a pesquisa, em junho de 2024⁴, a fim de colher mais informações sobre os processos demissionais, bem como seus desdobramentos. Nesse movimento, nos deparamos com mais 13 casos⁵, que se

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Trabalho, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). e-mail: francisco@assis.jor.br

³ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: claudia.nonato@uol.com.br

⁴ A primeira etapa da pesquisa empírica foi realizada em outubro de 2023. Valemo-nos do buscador do Google e utilizamos a palavra-chave “jornalistas demitidos”. Em 2024, a estratégia foi a mesma. Detalhes do procedimento, bem como o reconhecimento de suas limitações, constam em artigo anterior (Assis; Nonato, 2024, p. 174).

⁵ Atribuímos os dados excedentes a dois fatores. O primeiro é a instabilidade do recurso utilizado, algo sabido, mas que não inibe nossa proposta, dado que não é nosso interesse apresentar dados de forma probabilística, mas tão somente ilustrativa de um fenômeno que carece de atenção. O segundo é o fato de que a primeira coleta foi realizada antes de o ano de 2023 (considerado no recorte temporal) ter terminado.

somaram à lista anterior, a qual passou a compreender um cenário com 67 jornalistas demitidos, sendo 34 (50,75%) do gênero masculino e 33 (49,25%) do gênero feminino, havendo certo equilíbrio entre ambos.

Repetindo a organização feita no levantamento inicial, mas orientando-a ao foco ora desenvolvido, apresentamos um quadro com as 33 mulheres jornalistas identificadas⁶, a partir do qual desenvolveremos os apontamentos e as reflexões subsequentes.

Quadro 1 – Jornalistas desligadas de emissoras de TV brasileiras entre 2019 e 2023

Jornalista	Emissora	Ano	Idade à época	Tempo de casa	Circunstância
Anna Karina Bernardoni	GloboNews	2023	Não identificado	11 anos	Demitida
Cecília Flesch	Globo	2023	39 anos	18 anos	Demitida
Christiane Pelajo	GloboNews	2022	52 anos	26 anos	Pediu demissão
Eliane Maria	Globo	2023	Não identificado	7 anos	Demitida
Elza Gimenez	Globo	2023	Não identificado	25 anos	Demitida
Emilene Silva	Globo	2023	Não identificado	2 anos ⁷	Demitida
Flávia Januzzi	Globo	2023	Não identificado	25 anos	Demitida
Giovana Teles	Globo	2023	52 anos	21 anos	Demitida
Giuliana Morrone	Globo	2023	56 anos	34 anos	Demitida
Glória Vanique	Globo	2020	47 anos	13 anos	Pediu demissão
Isabela Assumpção	Globo	2021	72 anos	41 anos	Demitida
Janaína Xavier	Globo	2022	45 anos	23 anos	Demitida
Janice de Castro	Record	2023	42 anos	18 anos	Demitida
Janine Borba	Record	2023	55 anos	19 anos	Demitida
Júlia Garcia	Globo	2023	Não identificado	12 anos	Demitida
Jô Mazzarolo	Globo	2023	63 anos	34 anos	Demitida
Juliana Rosa	GloboNews	2021	46 anos	20 anos	Pediu demissão
Leila Sterenberg	GloboNews	2023	52 anos	25 anos	Demitida
Lívia Torres	Globo	2023	37 anos	14 anos	Demitida
Lúcia Carneiro	GloboNews	2023	Não identificado	Não identificado	Demitida
Luciana Osório	Globo	2023	Não identificado	16 anos	Demitida
Luiza Silvestrini	Globo	2023	Não identificado	4 anos	Demitida
Marcela Rahal	CNN	2022	38 anos	2 anos	Demitida
Marcia Correa	Globo	2023	Não identificado	33 anos	Demitida
Márcia Witezak	Globo	2023	52 anos	26 anos	Demitida
Michelle Barros	Globo	2022	44 anos	12 anos	Pediu demissão
Monalisa Perrone	Globo	2019	53 anos	15 anos	Pediu demissão
Mônica Sanches	Globo	2023	57 anos	31 anos	Demitida
Natália Ariede	Globo	2023	42 anos	17 anos	Pediu demissão
Patrícia Costa	Record	2023	44 anos	16 anos	Demitida
Rhiza Castro	Record News	2023	Não identificado	1 ano	Demitida
Thais Itaqui	Globo	2023	43 anos	16 anos	Demitida
Veruska Donato	Globo	2021	45 anos	21 anos	Demitida

Fonte: Elaboração dos autores.

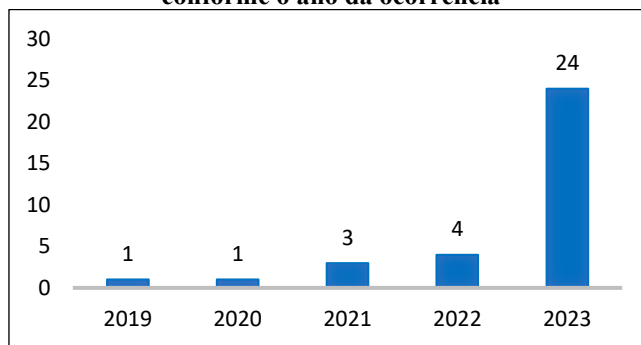
Coincidindo com os resultados da primeira etapa de nosso esforço, o montante maior das ocorrências do grupo feminino – 24 (72,73%) – se deu em 2023, sinalizando

⁶ Além dos textos jornalísticos que anunciaram as demissões, buscamos informações em outras fontes, especialmente na rede social LinkedIn. Também buscamos seus perfis em outras plataformas, como Facebook e Instagram. Tudo isso serviu para cotejar informações e/ou encontrar aquelas que os primeiros indícios localizados não revelaram (como idade ou tempo de casa).

⁷ O caso de Emilene Silva foge à regra. Embora só estivesse há 2 anos e 4 meses atuando como editora de texto do Jornal Hoje, ela computa outros 22 anos e 8 meses como editora da TV Integração, afiliada da Globo sediada em Uberlândia (MG). Podemos considerar, pois, que ela trabalhou ao menos 25 anos para emissoras do grupo em questão.

um potencial reflexo da crise econômica enfrentada pelo país desde a década anterior e que foi acentuada pela pandemia de covid-19 (Gráfico 1).

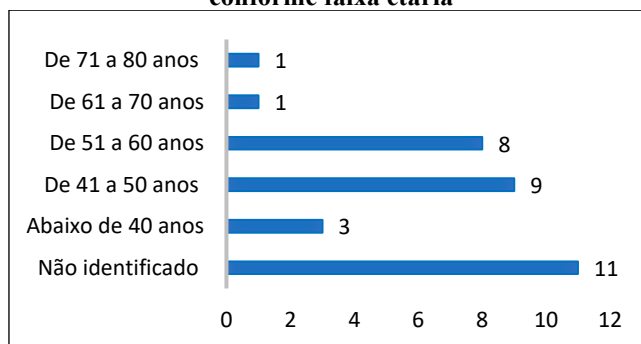
Gráfico 1 – Jornalistas desligadas de emissoras de TV brasileiras conforme o ano da ocorrência



Fonte: Elaboração dos autores.

Também igual foi a incidência de uma maioria identificável⁸ – 10 (30,30%) – com idade acima de 50 anos, sintoma do etarismo que tem atingido diferentes âmbitos da sociedade, inclusive e principalmente o mundo do trabalho (Antunes; Alves, 2004, p. 339); tanto é que nenhuma mulher do grupo considerado está na faixa dos 20, e a menor parte – apenas 3 (9,09%) – corresponde às que estão na faixa dos 30 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Jornalistas desligadas de emissoras de TV brasileiras conforme faixa etária



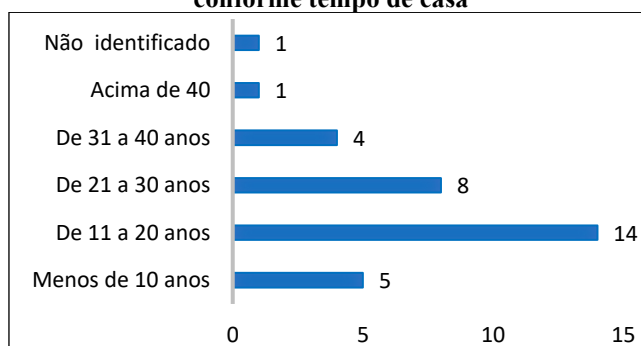
Fonte: Elaboração dos autores.

Em relação ao tempo de casa, verificamos maior concentração no estrato que compreende contratações que duraram de 11 a 20 anos (42,42%), seguido de incidência pouco menor entre aquelas que trabalharam de 21 a 30 anos (24,24%) e de 31 a 40 anos (12,12%) na mesma empresa (Gráfico 3). Há uma ligeira diferença nesse aspecto quando

⁸ É curioso que um expressivo número do levantamento – 11 (33,33%) – aponte para a não identificação de dados etários. Isto é possivelmente sintoma de uma cultura na qual a idade da mulher é tida como tabu. Em parte, por vaidade, é certo; mas também não se pode negar que se trata de uma espécie de escudo contra preconceitos advindos do etarismo.

em comparação com o levantamento que incluía os homens, no qual essas três categorias temporais apresentavam distribuição proporcional (Assis; Nonato, 2024, p. 177). Isto é revelador de uma profissão que se feminizou aos poucos e paulatinamente (Mick; Lima, 2013, p. 33), havendo maior expressividade da atuação feminina a partir dos anos 2000 – fazendo sentido, portanto, que o grupo focalizado tenha experiências mais longas de trabalho no intervalo das duas últimas décadas.

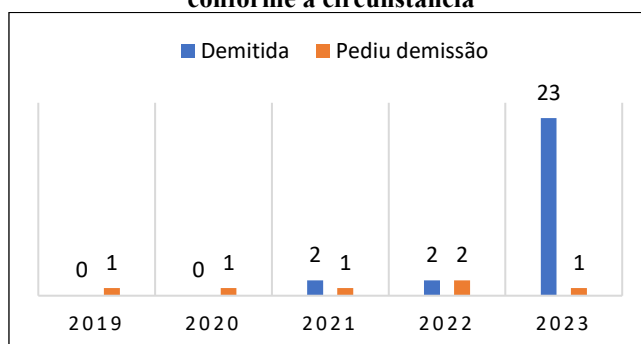
Gráfico 3 – Jornalistas desligadas de emissoras de TV brasileiras conforme tempo de casa



Fonte: Elaboração dos autores.

Como antecipado, a maioria dos casos é de demissões promovidas pelo patronato – 27 (81,82%) –, especialmente pelo Grupo Globo⁹, responsável por 22 delas, o que corresponde a 81,48% das dispensas involuntárias (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Jornalistas desligadas de emissoras de TV brasileiras conforme a circunstância



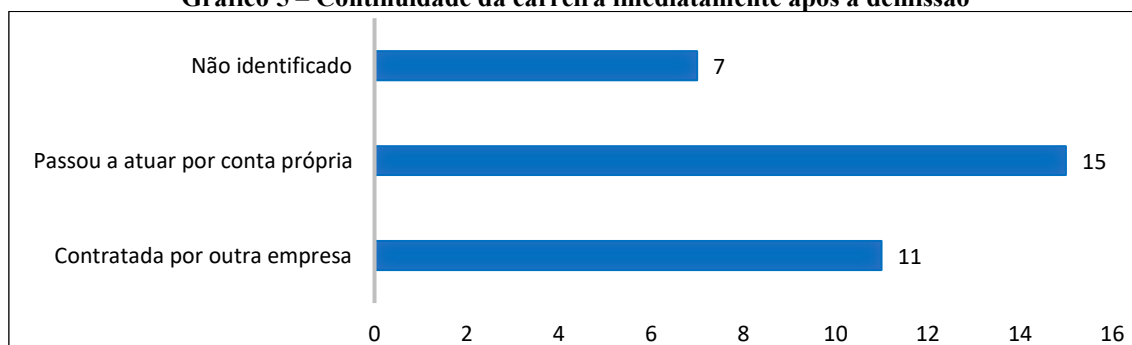
Fonte: Elaboração dos autores.

⁹ Vale esclarecer que o grupo não demitiu apenas jornalistas de TV. Os cortes também atingiram quem trabalha em outras mídias, especialmente do portal G1. No entanto, não consideramos esses sujeitos em nosso mapeamento, dada a ênfase que demos aos que trabalhavam nas emissoras televisivas, os quais não só representam a maioria dos demitidos como também são os mais visibilizados, dada a relação que boa parte constrói em frente às telas, tendo vários deles alcançado mesmo o *status* de celebridade.

Os desligamentos foram majoritariamente realizados em massa, com decorrente especulação a seu respeito (Vaquer, 2023; Padiglione, 2023). Também se tratou de processos tensos, com manifestações públicas de jornalistas (Longo, 2023; Serra, 2023), protestos capitaneados por órgãos sindicais (Após demitir..., 2023), exposição de denúncias ou queixas (Comoti, 2023; Fraguito, 2024) e ações iniciadas junto à Justiça do Trabalho (Andrade, 2024; Globo..., 2024).

Após saírem das emissoras de TV nas quais trabalharam até o período compreendido pela pesquisa, as jornalistas listadas no Quadro 1 passaram prioritariamente a atuar por conta própria – 15 delas (44,45%) –, isto é, como consultoras, assessoras, freelancers, podcasters, mestres de cerimônia, entre outras atividades, sem vínculo empregatício, sendo que algumas abriram (ou mantiveram, no caso das que já possuíam) empresa de prestação de serviços, provavelmente na categoria de microempreendedor individual (MEI). Em outras palavras, e conforme a gramática neoliberal, empreenderam (Casaqui, 2016).

Gráfico 5 – Continuidade da carreira imediatamente após a demissão



Fonte: Elaboração dos autores.

É importante anotar que boa parte foi desempenhar outras funções, ainda que nos espaços do jornalismo e/ou da comunicação. Além disso, há casos em que a mesma empresa chamou a jornalista de volta, para desempenhar função em outro regime – como pessoa jurídica (PJ) ou freelancer. Vê-se, assim, que o principal nó das demissões, portanto, está no desinteresse dos donos do capital em manter as garantias da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), embora a própria legislação tenha sido enfraquecida com a última reforma trabalhista, realizada em 2017.

O montante do qual não conseguimos identificar a forma de continuidade da carreira – 7 (21,21%) – possivelmente corresponde a mulheres que se aposentaram ou que ainda estavam à espera de alguma recolocação quando os dados foram coletados.

Reflexão sucinta

As demissões das mulheres jornalistas de TV aqui destrinchadas não são evento isolado no neoliberalismo, que tem como uma de suas principais características o desmantelamento das relações trabalhistas, responsável por deixar a classe trabalhadora refém das imposições do sistema (Dardot; Laval, 2016). Em seu âmbito, há pouco espaço de atuação digno para pessoas maduras, experientes, porque elas representam um ônus (salários mais altos, principalmente) que os empregadores pouco estão dispostos a assumir. Em paralelo, às mulheres, que historicamente foram colocadas em posição inferior no mundo do trabalho, algo que a crítica feminista já assinalou muito bem (Hirata; Kergoat, 2007; Federici, 2021), são imputadas, agora, outras “responsabilidades”, que lhes fogem do controle, como é o caso de um padrão estético que sugira jovialidade. Tais demandas estão alinhadas àquilo que Marilena Chaui (2025, p. 124) considera como característica da ideologia (no caso em tela, da ideologia neoliberal, dominante nos nossos dias): a “aparência social”. Essa “pele” que reveste a sociedade – substituindo o *ser* pelo *aparecer* – projeta na classe trabalhadora um modelo de existir/agir que não é propriamente seu, nem poderia ser, mas que acaba sendo internalizado e reproduzido, conquanto com algumas críticas. Não por menos, como os dados aqui apresentados revelaram, a maioria das jornalistas destituídas de seus empregos relativamente estáveis partiu para uma atuação empreendedora, signo maior do neoliberalismo (Casaqui, 2016).

Sintoma da precarização no mundo do trabalho, acentuada pela crise que a pandemia de covid-19 intensificou (Druck, 2021), as demissões em larga escala que atingiram o campo jornalístico demonstram um cenário potencialmente desfavorável às mulheres, haja vista que as cobranças recaídas sobre si pouco (ou nunca) são imputadas aos homens – a questão estética, especialmente, como bem ilustra a declaração de uma das jornalistas que compõem o grupo mapeado, Janice de Castro: “Eu trabalhei numa emissora que tirava do vídeo a repórter que engordasse. É triste isso. [...] Se ligar um telejornal, você vai ver homens mais velhos, com cabelos brancos, mas não repórter mulher mais velha, principalmente se for esportiva” (Ex-repórter..., 2025, online).

Num mundo em que, conforme a ideologia dominante, essas movimentações são tidas como “normais” ou mesmo como estímulo a novas iniciativas – pela gramática que faz do empreendedorismo a tábua de salvação para os problemas sociais –, resta claro que o não atendimento às prescrições neoliberais é caminho para o desemprego, para o descarte, pouco importando se o “ser” (a essência) de cada pessoa é um valor

insubstituível. Do ponto de vista da profissão de jornalista, tão necessária nestes tempos em que a tecnologia tem sido adotada de forme promíscua e inconsequente, esse direcionamento resulta em práticas que a cada dia se afastam mais dos princípios fundantes do jornalismo. No fim, como sociedade, perdemos *todes*.

Referências

ANDRADE, Ranyelle. Cecília Flesch pede indenização milionária da Globo por assédio moral. **Metrópoles**, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://acortar.link/in3guI> Acesso em: 30 maio 2025.

ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004.

APÓS DEMITIR jornalistas e radialistas, Globo é alvo de protesto no Rio, São Paulo e Brasília. **Fenaj**, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://acortar.link/Ieh127> Acesso em: 30 maio 2025.

ASSIS, Francisco de; NONATO, Cláudia. Triste fim do velho jornalista: as demissões de veteranos de TV como sintoma da crise do capital. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 168-180, maio/ago. 2024.

CASAQUI, Vander. Esboços e projetos da sociedade empreendedora: mundo conexcionista, sociabilidade e consumo. **Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 23, n. 3, n.p, set./dez. 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Ideologia**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2025.

COMOTI, Priscilla. Demitida da Globo, Cecília Flesch fala sobre os bastidores de sua saída da emissora. **Caras**, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://acortar.link/mP24I7> Acesso em: 30 maio 2025.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DRUCK, Graça. A tragédia neoliberal, a pandemia e o lugar do trabalho. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 49, p. 11-34, jan./abr. 2021.

EX-REPÓRTER da Record diz que jornalistas eram tiradas do ar ao engordar. **Splash**, 4 maio 2025. Disponível em: <https://acortar.link/c4SB6J> Acesso em: 30 maio 2025.

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário**. v. 1. São Paulo: Boitempo, 2021.

FRAGUITO, Giovanna. Apresentadora é demitida da Record logo após denunciar assédio sexual. **Veja**, 10 maio 2024. Disponível em: <https://acortar.link/FOEdD2> Acesso em: 30 maio 2025.

GLOBO, acusada de ‘ditadura da magreza’ por jornalista, deve indenizar ex-funcionária; decisão é inédita. **Terra**, 3 abr. 2024. Disponível em: <https://acortar.link/CjtgVu> Acesso em: 30 maio 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

LONGO, Ivan. Record demite em massa no jornalismo, principalmente ex-globais, e sinaliza torcer pelo governo Lula. **Revista Forum**, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://acortar.link/KrV6oQ> Acesso em: 30 maio 2025.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis, Insular, 2013.

PADIGLIONE, Cristina. Demissões na Globo superam 50 nomes, em proporção inédita. **Folha de S.Paulo**, 5 abr. 2023. Disponível em: <https://acortar.link/XMhg3c> Acesso em: 30 maio 2025.

SERRA, Stefany. Giuliana Morrone é demitida da Globo após 34 anos na emissora. **Metrópoles**, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://acortar.link/PY4U4b> Acesso em: 30 maio 2025.

VAQUER, Gabriel. Em passsaralho histórico, Globo demite chefões do Jornalismo; saiba bastidores. **Notícias da TV**, 4 abr. 2023. Disponível em: <https://acortar.link/OLwCN6> Acesso em: 30 maio 2025.